



IRONIA E AMBIGÜIDADE EM *A CIDADE E AS SERRAS*, DE EÇA DE QUEIRÓS

Iris Selene Conrado
Doutoranda — UNESP-Assis — CAPES
Rosane Gazolla Alves Feitosa
UNESP-Assis

RESUMO

Este trabalho objetiva, com base nos estudiosos queirosianos Maria Lepecki, Jacinto do Prado Coelho e Frank Sousa, levantar a ironia e a ambigüidade presentes na construção do personagem protagonista e do narrador de *A cidade e as serras*, de Eça de Queirós. Verificou-se que, de fato, a tese tão comumente defendida por queirosianos da superioridade do campo em detrimento da cidade relativiza-se, ao se observar a existência de discursos irônicos e dúbios, principalmente na linguagem do narrador-personagem, podendo-se notar a postura crítica implícita na obra.

PALAVRAS-CHAVE

Eça de Queirós; *A cidade e as serras*; personagem; ironia; ambigüidade.

ABSTRACT

The aim of this paper is to analyze the irony and the ambiguity in the main character and the narrator from *A cidade e as serras*, de Eça de Queiros. We based on the studies of Maria Lepecki, Jacinto do Prado Coelho e Frank Sousa. We concluded that the common idea of opposition between the city and the country as the main theme of the novel is simplistic, because we observed the ironic and dual discourse in the book, mainly in the narrator language, which we could also note the implicit criticism inside the novel.

KEYWORDS

Eça de Queiros; *A cidade e as serras*; character; irony; ambiguity.

Introdução

A literatura produzida no século XIX em Portugal é comumente caracterizada pela orientação ideológico-cultural Realista-Naturalista. Estas duas manifestações, que em alguns países ocorreram separadamente, foram em Portugal complementares. Há, todavia, diferenças de posturas entre as obras que marcadamente são consideradas realistas ou naturalistas. Carlos Reis (2001, p. 17) aponta estas diferenças em três níveis: o ideológico, o temático e o das estratégias literárias, ressaltando que, essencialmente, no

Realismo Português, “trata-se, de um modo ou de outro, de afirmar o primado do real, a sua evidência e a necessidade de o privilegiar, no processo de representação que a literatura leva a cabo”, reconhecendo a presença “de obstáculos, de preconceitos e de bloqueamentos expressivos que dificultam essa representação”.

Carlos Reis (2001) ainda salienta que Eça de Queirós foi um dos maiores representantes na literatura portuguesa das bases implícitas do movimento cultural realista, configurando-se como um dos autores de textos doutrinários e programáticos. Este trabalho, portanto, parte de uma breve análise das personagens do romance *A cidade e as serras*, de Eça de Queirós, para visar a observação do modo como a ironia e a ambigüidade estão presentes na construção das personagens no romance. Para fundamentar e completar as análises apresentadas, tem-se como base os estudiosos queirosianos Lepecki (1977), Coelho (1981) e Sousa (1996).

Uma vez que não se encontram, com fácil acesso, muitos estudos relativos à obra *A cidade e as serras*, principalmente no Brasil, acredita-se que este trabalho contribua para uma perspectiva interpretativa diferenciada da tese cidade (urbano) *versus* campo (rural), com a primazia do campo, muito divulgada nas leituras da obra. Espera-se comprovar um viés interpretativo no qual Eça de Queirós demonstra seu posicionamento crítico ante a sociedade europeia do final do século XIX, a partir da elaboração dedicada e minuciosa do texto.

Considerações gerais sobre Jacinto e Zé Fernandes

*A cidade e as serras*¹ apresenta uma narrativa em que se tem, como personagem protagonista, a figura de Jacinto, herdeiro de uma fortuna de “cento e nove contos de renda em terras de sementeira, de vinhedo, de cortiça e de olival” (p. 13) em Portugal, mas que nascera em Paris, residindo desde seu nascimento na Rua dos Campos Elísios, número 202. Trata-se de um indivíduo envolvido com a alta e nobre sociedade, e que possui equipamentos

¹ Os trechos extraídos da obra de Eça referidos neste artigo são retirados da seguinte edição: *A cidade e as serras*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1998. Ressalta-se que será destacado apenas o número da página da qual se extraiu o exemplo.

e maquinarias de última geração, isto é, objetos que visam facilitar a vida urbana.

Descritos com certo exagero e ironia, o narrador aponta que Jacinto, na realidade, está entediado: “E Jacinto, num som cavo que era bocejo e rugido: Uma maçada!” (p. 57), e estressado com seus compromissos sociais: “Jacinto circulava estonteado pelo 202, rabiscando a carteira, repicando o telefone, desatando nervosamente pacotes” (p. 33), desanimado, apesar de possuir um “palacete” em Paris, capital da modernidade e do desenvolvimento tecnológico no final do século XIX.

Sendo necessário ir a suas terras no norte de Portugal, convida seu amigo Zé Fernandes (personagem-narrador do romance) para ir a Tormes. No caminho, tem problemas de transporte: “Ó! Que serviço! Ó que canalhas!... Só em Espanha!... E agora? As malas perdidas!... Nem uma camisa, nem uma escova!” (p. 101), que o deixa bravo e aborrecido. Apesar de tudo, decide ficar no campo, pois percebe as diferenças deste com a cidade; traz mudanças para seus empregados, fica popular nas serras: “E realmente pela Serra crescia a popularidade do meu Príncipe. Naquele, ‘guarde-o Deus, meu senhor!’ com que as mulheres ao passar o saudavam, [...] havia uma seriedade de oração” (p. 157); conhece a prima de seu amigo, Joanhina, casa-se, tem filhos e permanece em Tormes, sem voltar a Paris.

Outra personagem importante é o narrador Zé Fernandes, amigo de Jacinto, que o acompanha desde quando, jovem estudante, o conheceu em Paris, na Sorbonne: “Jacinto e eu, José Fernandes, ambos nos encontramos e acamaradamos em Paris, nas Escolas do Bairro Latino” (p. 17), até depois, quando passam algum tempo em Paris, pois Jacinto o convida a morar no “palacete”: “Amanhã, Zé Fernandes, tu vens antes de almoço, com as tuas malas dentro dum fiacre, para te instalares no 202, no teu quarto. No Hotel são embaraços, privações” (p. 28), e quando vão a Tormes, a Guiães.

O narrador Zé Fernandes, nascido e criado no interior de Portugal, em Guiães, descreve-se sempre como amigo, curioso, simples, “homem serrano”, mas também interessado, estudioso e culto. Após ser chamado por seu tio para regressar a Guiães, despede-se tristemente de Jacinto, encontrando-o

apenas sete anos depois. Convivendo com este novamente em Paris, apaixonase por uma cortesã e, após três meses de relacionamento com esta, sendo por ela então largado, volta sua atenção a Jacinto, retomando sua amizade: “E esse fastio não o escondeu mais do seu velho Zé Fernandes, quando recomeçou entre nós a comunhão de vida e de alma a que eu tão torpemente me arrancara” (p. 66), e sempre o acompanhando.

Zé Fernandes acompanha Jacinto a Tormes, vê-se aborrecido, em seguida vai a Guiães, e quando regressa supreeende-se ao encontrar seu amigo alegre e animado. Após cinco anos nas Serras, o narrador regressa a Paris, decepçiona-se e retorna às serras.

Ironia e ambigüidade nas personagens de Eça

Em primeiro lugar, não se pode deixar de ressaltar que, em *A cidade e as serras*, o narrador é também personagem: Zé Fernandes, que relata todos acontecimentos, pensamentos e sentimentos relativos ao protagonista Jacinto. Em outras palavras, há a necessidade de se acreditar no que está sendo dito, isto é, o leitor só conhece as informações a partir da descrição e do ponto de vista de um personagem secundário, que se diz grande amigo do personagem protagonista. Sousa (1996, p. 56) atenta-se para o fato de existir, desse modo, uma “distância irónica entre o narrador e o autor implícito [...] Esta condição específica da narrativa feita por um narrador inserido na história obriga de facto o leitor a ver o narrador como uma pessoa, e portanto como uma autoridade susceptível de ser posta em causa”. Assim, salienta-se que as informações que se tem sobre o enredo são suscetíveis a questionamentos, a análises e a observações quanto a um possível discurso ambíguo e/ou velado, implícito nos dizeres de Zé Fernandes.

Partindo deste viés interpretativo, estudam-se as descrições que se tem no texto do personagem protagonista Jacinto, nas quais se apresenta, aparentemente, oposições e contrastes determinadas pelo meio ambiente onde esse personagem se encontra. Em Paris, Jacinto é tido como rico, nobre, reconhecido pelos representantes das altas classes sociais, dono de um “palacete”, repleto de móveis, objetos considerados modernos e avançados,

rodeado de tecnologia e invenções de última geração. Desde criança, Jacinto é descrito como forte, inteligente, com postura de líder e amigo, conforme o narrador:

As letras, a Tabuada, o Latim entraram por ele tão facilmente como o sol por uma vidraça. Entre os camaradas, nos pátios dos colégios, erguendo a sua espada de lata e lançando um brado de comando, foi logo o vencedor, o Rei que se adula, e a quem se cede a fruta das merendas. [...] Todos os seus amigos (éramos três, contando o seu velho escudeiro preto, o Grilo) lhe conservavam amizades puras e certas — sem que jamais a participação do seu luxo as avivasse ou fossem desanimadas pelas evidências do seu egoísmo. (p. 16)

Nota-se, neste trecho do relato da infância e da adolescência de Jacinto, que o narrador já se coloca irônica e ambigualmente no texto ao dizer que, desde aquela época, já se adulava Jacinto: os colegas já davam a ele uma atenção especial, cediam “a fruta das merendas”, ou seja, já colocavam Jacinto como “rei”, como líder, sabendo que ele pertencia a uma classe social nobre e que sua família tinha bens, capital.

Quando o narrador informa que seus amigos mantinham “amizades puras e certas”, fá-lo com ironia, pois logo em seguida afirma que estes “amigos” participavam do luxo do qual Jacinto desfrutava, e ainda ressalta que este último era egoísta. Percebe-se essa ironia em seu discurso porque, ao analisar seu relato, o narrador afirma que “jamais” essa participação animava as amizades, nem mesmo eram desestimuladas pelo egoísmo evidente de Jacinto: isto é, os amigos eram “amigos” apesar do egoísmo daquele, e sem interesses quanto ao luxo que desfrutavam junto ao egoísta Jacinto, tendo-se assim uma crítica ao comportamento de Jacinto. A ironia também pode ser reforçada pela enumeração dos grandes amigos a que se refere o narrador: “Todos” eram apenas três, dentre eles o narrador e o empregado de Jacinto, chamado Grilo — seriam, portanto, apenas um amigo, pois não se poderia considerar o empregado como um amigo.

Tem-se o protagonista, em um primeiro plano, apresentado como ser acostumado e adaptado à sociedade urbana: “O meu camarada, habituado aos prodígios, não se alvoroçou” (p. 28), comenta o narrador. Sete anos depois, quando Zé Fernandes o reencontra, demonstra-o ainda fixado neste meio

ambiente, contudo entediado, desanimado, cansado, insatisfeito, triste, indiferente: “Mas Jacinto batia nas almofadas do divã, onde se enterrara com um modo cansado que eu não lhe conhecia [...] Ele espalhou em torno um olhar onde já não faiscava a antiga vivacidade” (p. 25).

Com compromissos sociais diversos, mesmo fúteis, — “acompanhar Madame de Oriol a uma exposição de leques; escolher um presente de noivado para a sobrinha dos Trèves” (p. 32), — marcados em sua agenda “de um carinhoso tom de rosa murcha”, o narrador mostra Jacinto estressado com o cotidiano, sem interesse pelo alimento, mas agitado com suas tarefas: “Jacinto encolheu desinteressadamente os ombros: Sim... Eu não tenho nunca apetite, já há tempo... Já há anos. [...] eu esperava sempre por meia hora o meu Príncipe, que entrava numa rajada, consultando o relógio, exalando com a face moída o seu queixume eterno” (p. 30, 33). Todas estas informações dão base para formar a idéia, insistida pelo narrador Zé Fernandes, de que o protagonista estava em uma situação péssima no meio em que se encontrava — o narrador enfatiza tal idéia, para depois contrastá-la, quando o personagem decide ir para as Serras. Observa-se, inclusive, essa ênfase no modo como ele descreve fisicamente Jacinto, desgastado:

Adiante caminhava, levemente curvado, um homem que [...] resumava elegância e a familiaridade das coisas finas. Nas mãos [...] sustentava uma bengala grossa [...]. E só quando ele parou ao portão do 202 reconheci o nariz afilado, os fios do bigode corredios e sedosos. [...] Reparei então que o meu amigo emagrecera: e que o nariz se lhe afilara mais entre duas rugas muito fundas, como as dum comediante cansado. Os anéis do seu cabelo lanígero rareavam sobre a testa, que perdera a antiga serenidade de mármore bem polido. Não frisava agora o bigode, murcho, caído em fios pensativos. Também notei que corcovava. (p. 23,24)

Nesta nova fase de Jacinto, com cerca de 30 anos, Zé Fernandes já aponta a crítica daquele à civilização, às cidades, à modernidade, mas ainda preso a tais estruturas. Vale notar, entretanto, que é mais uma vez a perspectiva de Zé Fernandes que denuncia esses sentimentos e posicionamentos do protagonista; trata-se da impressão do narrador, à qual o leitor precisa dar credibilidade a fim de prosseguir com a história, e poder analisar a personagem:

Com espanto [...] descobri eu, na primeira tarde em que descemos aos Boulevards, que o denso formigueiro humano sobre o asfalto, e a torrente sombria dos trens sobre o macadame, afligiam o meu amigo pela brutalidade da sua pressa, do seu egoísmo, e do seu estridor. Encostado e como refugiado no meu braço, este Jacinto novo começou a lamentar que as ruas, na nossa Civilização, não fossem calçadas de guta-percha! E guta-percha claramente representava, para o meu amigo, a substância discreta que amortece o choque e a rudeza das coisas! [...] Ó Zé Fernandes, esta nossa indústria!... Que impotência, que impotência! (p. 34, 38)

Ele também ressalta o protagonista como mole, inerte, desencantado, pessimista, melancólico, depressivo e impaciente:

O meu amigo encolheu molemente os ombros. [...] O meu Príncipe, imóvel nos degraus, de face pendida, [...] olhando para mim, como um ser saturado de tédio e em quem nenhum tédio novo pode caber [...]. E agora aos trinta e três anos a sua ocupação era bocejar, correr com os dedos desalentados a face pendida para nela palpar e apeteecer a caveira. [...] E sua abominável função de novo se limitou a bocejar, a passar os dedos moles sobre a face pendida, palpando a caveira. Incessantemente aludia à morte como a uma libertação. [...] O meu Príncipe deixou escorregar molemente a fotografia da minha prima de entre os dedos moles. (p. 25, 80, 83, 85, 92)

Em contraste, no outro ambiente, em Tormes, tem-se Zé Fernandes reencontrando Jacinto renovado, animado, forte, vívido, interessado. Esta mudança já se inicia quando o protagonista vai a cavalo da estação de trem para Tormes, depois de passar dificuldades na viagem, por não ter seus desejos atendidos, ou ainda, quando bebe a água “duma fontinha rústica”:

O ar fino e puro entrava na alma, e na alma espalhava alegria e força. [...] Jacinto adiante, na sua égua ruça, murmurava: Que beleza! [...] O meu Príncipe bebeu da água nevada e luzidia da fonte, regaladamente, com os beiços na bica; apeteceu a alface rechonchuda e crespas; e atirou pulos aos ramos altos duma copada cerejeira, toda carregada de cereja. (p. 107, 111)

A descrição de seu físico e de suas ações, seus pensamentos, alteram-se: o protagonista aparece forte, sadio, aliviado, entusiasmado, valorizando a natureza, rindo e lendo (como não o fazia em Paris, apesar de possuir mais de trinta mil volumes de obras), participativo, interativo e otimista:

Jacinto já não corcovava. Sobre a sua arrefecida palidez de supercivilizado, o ar montesino, ou vida mais verdadeira, espalhara um robor trigueiro e quente de sangue renovado que o virilizava soberbamente. Dos olhos, que na Cidade andavam sempre tão crepusculares e desviados do Mundo, saltava agora um brilho de meio-

dia, resoluto e largo, contente em se embeber na beleza das coisas. Até o bigode se lhe encrespara. [...] E tanta energia lhe comunicava o seu novo Otimismo, tão ansiosamente aspirava a criar. (p.122, 137)

A ironia se observa, em um primeiro plano, na contradição do personagem que, inicialmente, repudiava o campo, a natureza, a terra, a falta de tecnologia e de cientificismo mas que, ao final, encontra a “felicidade” na simplicidade das serras, o amor em uma mulher “serrana”, simples, campesina, e passa a viver em Tormes, sentindo a “verdade” na natureza, agindo em prol dos seus empregados, tornando-se popular, sendo reconhecido por suas obras, por seu entusiasmo, por sua vontade, e realizando-se, segundo o narrador, apesar de trazer, da civilização, alguns pequenos confortos e requintes, como o telefone, “alguns tapetes sobre os seus soalhos, cortinas pelas janelas desabrigadas, e fundas poltronas, fundos sofás” (p. 177). Conclui o narrador: “Então compreendi que, verdadeiramente, na alma de Jacinto se estabelecera o equilíbrio da vida” (p. 178).

Em um segundo plano, entretanto, nota-se a ironia na falta de mudança do personagem: de acordo com Lepecki (1977, p. 140-141), mesmo residindo em Tormes, Jacinto continua alienado, “afastado das realidades, fechado, aristocraticamente, em si mesmo [...] incapaz de perceber quaisquer implicações profundas dos factos”. Ele quer ignorar a realidade do seu país; por exemplo, quando não quer mais ler os jornais da civilização, mas apenas os da agricultura: “Eis a imprensa!... Mas nada de *Fígaro*, ou da horrenda *Dois-Mundos!* Jornais de Agricultura!” (p. 123); ou quando fica ciente da pobreza em Tormes, e Zé Fernandes explica que a miséria está em Paris, no Douro, e Jacinto replica: “Eu não quero saber o que há no Douro. O que eu pergunto é se aqui, em Tormes, na minha propriedade, dentro destes campos que são meus, há gente que trabalhe para mim, e que tenha fome...” (p. 148).

Para Lepecki (1977), há uma demonstração de ignorância e ilusão do protagonista, que decide ajudar, construindo e reformando os lares de seus funcionários, acreditando que viu a “chaga”, mas é das que poderia “curar”. Mesmo o narrador demonstra, em seu comentário seguinte, perceber a parcialidade, a superficialidade de Jacinto para a compreensão do problema social, que pensa estar resolvendo: “Vi a chaga! Mas enfim, esta, louvado seja

Deus, é das que eu posso curar! Não desiludi o meu Príncipe”. Mais uma vez, aponta-se para a alienação do personagem, que não mudara, não se tornara um “homem do campo [...] e [...] permanece impermeável à realidade que o envolve” (LEPECKI, 1977, p. 143), alterando, se sentisse necessário, o seu espaço, vivendo não em uma realidade campesina, mas criando “um lugar intermédio entre o rústico e o civilizado” (LEPECKI, 1977, p. 144).

Coelho (1981, p. 171-172) também ressalta essa imobilidade de Jacinto, essa falta de profundidade nos seus pensamentos e atitudes: “Jacinto lembra-se em Tormes de construir casas novas para os rendeiros, de fundar uma creche [...]. Nem uma palavra sobre futuras máquinas agrícolas, para modernizar a exploração da terra. Ou sobre a industrialização deste país bucólico, parado como um Paraíso Terreal”. Entretanto, ao questionar a superficialidade do protagonista, Coelho (1981) de fato critica o autor Eça de Queirós, em uma leitura em que mistura autor e obra, questionando o valor de *A cidade e as serras*, demonstrando a sua decepção, enquanto crítico literário, pois enxerga na obra muito diletantismo e contradição, como se a obra marcasse Eça como um ‘Vencido da Vida’.

Salienta-se que, na verdade, Coelho (1981) não soube perceber a ironia velada, escondida por entre o discurso do narrador, existente mesmo na própria configuração do texto: estruturalmente organizado a partir da escolha de um personagem-narrador testemunha, contudo com estatuto de narrador onisciente, ele filtra a história do protagonista por meio de suas impressões, de seus julgamentos, e obriga o leitor a acreditar no que ele conta, mesmo quando utiliza expressões como “parece que”, “se bem recordo”, “decerto”, demonstrando dúvida sobre a exatidão dos fatos e, concomitantemente, admitindo seus limites como narrador testemunha, como lembra Sousa (1996, p. 80). Ou seja: até essa característica de Zé Fernandes ilustra um jogo de credibilidade entre a narrativa e o leitor, entre a história e o protagonista, figurando, mais uma vez, a ironia presente em toda a obra de Eça.

Além disso, a ironia e a ambigüidade se delineiam também na própria interpretação de Jacinto como representante da classe nobre do fim do século XIX: a nobreza decadente, sem obter o seu papel social, esmagada pelo

desenvolvimento da burguesia, contudo tentando manter-se, aparentemente, superficialmente, buscando seu papel na sociedade, desejando acompanhar as mudanças, sem no entanto estar de fato preparada para isso. Lepecki (1977, p. 146) confirma essa hipótese: “Em *A Cidade e as Serras* mostra-se, de maneira mais cruel, um dos aspectos cruciais da sociedade portuguesa do século XIX: não exactamente a decadência de uma classe, mas o retrato de uma classe já decaída, que perdeu a sua função”. Assim, completa que Jacinto, como representante desta classe, simboliza “um homem que insiste em fazer de si e do que representa, a medida de todas as coisas, num desesperado [...] esforço para sobreviver num tempo e num lugar que já não são seus e que na realidade nunca o terão sido, porque a personagem [...] nunca os conheceu” (LEPECKI, 1977, p. 147).

No que se refere à questão do aparente, Sousa (1996, p. 86) ressalta que o uso do recurso de se descrever a aparência pelo narrador apenas reforça sua condição consciente de limitação, uma vez que, de fato, o narrador não tem acesso direto ao interior dos personagens; o que pode fazer, assim, é deduzir o que a aparência revela, acabando por julgar o ser pelo parecer: “Várias vezes ao longo da narrativa, Zé Fernandes frisa a importância do revestimento exterior, interpretado como imagem fidedigna da condição emocional e intelectual da pessoa”.

Entretanto, ao apresentar o personagem João Torrado, o “profeta das serras”, este último questiona a ideia de aparência como essência, como representação do real; portanto, conforme Sousa (1996, p. 87), “João Torrado parece ter razão, e não se pode negar que [...] Zé Fernandes fica sempre aquém da essência e da “verdade” do seu amigo de Tormes. As suas declarações estão condicionadas por uma incerteza que ele jamais poderá ultrapassar”. Pensa-se que, na realidade, essa inserção do personagem João Torrado é apenas mais um recurso persuasivo da construção do narrador, que se reconhece, implicitamente, incapaz de afirmar de forma contundente, de “identificar o real com a sua interpretação, o parecer com o ser” (SOUSA, 1996, p. 87). Por isso, utiliza-se ainda de comparações, próximas de uma realidade mais “serrana”, para aproximar o que descreve do que diz conhecer.

Além do que já foi exposto, pode-se notar, na personagem-narrador Zé Fernandes, uma forte ironia em sua descrição, em seus atos, pois, primeiramente, é ele que relata tudo sobre si, isto é, o leitor conhece Zé Fernandes a partir do que ele diz sobre si mesmo, podendo alterar ou omitir o que quiser, podendo contar o que lhe for conveniente: “Como sujeito da enunciação, Zé Fernandes é a única entidade presente em todo o romance”, afirma Sousa (1996, p. 57).

Deste modo, Zé Fernandes sempre se declara como “homem serrano”, de gênio forte, curioso, primitivo, “simples”, por vezes desatualizado, com certa “timidez serrana”, e com um interesse bastante demarcado por alimentação e por mulheres, como se essa informação reforçasse o seu aspecto primitivo, de origens “serranas”, ou bárbaras, se for comparar à moderna Paris. Descreve-se sempre como muito amigo de Jacinto, desesperando-se quando o percebe triste ou cansado: “Com espanto (mesmo com dor, porque sou bom, e sempre me entristesse o desmoronar numa crença) descobri eu [...]” (p. 34); ou ainda, quando este comenta sua teoria de valorização da civilização: “Mas concordei, porque sou bom, e nunca desalojarei um espírito do conceito onde ele encontra segurança, disciplina e motivo de energia” (p. 18).

Sousa (1996, p. 61) atenta-se para a relação entre a linguagem e a personalidade de Zé Fernandes: este último utiliza a simplicidade como recurso persuasivo: “ele consegue seduzir o leitor pela sua maneira aparentemente simples e desprezenciosa de olhar as coisas e de se ver a si próprio”. Ele utiliza inclusive outros recursos persuasivos, como comparar-se a animais, construindo uma caricatura de si como homem primitivo, ou apontando sua tendência a praguejar, ou para a violência, mantendo, portanto, um quadro de si como homem simples, primário e até “natural”.

Apesar disso, orgulha-se de seus conhecimentos gerais, sobre filosofia e literatura, tornando-se um personagem ambíguo, inconsistente, nos termos de Sousa (1996, p. 64):

Ao contrário dessa aparente ignorância, que Zé Fernandes reivindica, vemos que ele se mostra também culto, inteligente e a par das ideias da época. [...] Este facto leva-nos a crer que Zé Fernandes não se pode

definir perfeitamente nem completamente dando-lhe o rótulo de 'serrano', pois, na realidade, a personagem ultrapassa esses limites.

De fato, mesmo não se adaptando à civilização, sentindo a necessidade, ao final da obra, de voltar as Serras, Zé Fernandes aparece como um indolente, descompromissado, desocupado, oportunista, pois aproveita, por exemplo, as instalações da casa de Jacinto, e utiliza a imagem de nobre para conquistar a cortesã Colombe: “Em frente à grade do 202 murmurei, para a deslumbrar com o meu luxo: ‘Moro ali, todo o ano!’...” (p. 62); demonstra inclusive ser hipócrita: “Eu mesmo, que nem sequer entrevira a capa amarela da *Couraça*, mas para quem ele voltava os olhos pedinchões e famintos de mais mel, murmurei com um leve assobio: — uma delícia!” (p. 45), e interesseiro, sempre concordando e louvando Jacinto: “Ó, Jacinto! foi em ti, só em ti que nasceu a idéia desse dever! E honra te seja, menino... Não cedas a ninguém essa honra!” (p. 91). Sousa (1996, p. 65) percebe o narrador como astuto, esperto, ardiloso, afirmando que este “leva uma vida como parasita em relação a Jacinto”.

Por outro lado, também sempre ressalta a sua origem portuguesa, simples e rude. Por exemplo, na cena em que ele e o protagonista, ao olharem para as estrelas, não sabem dizer os nomes das estrelas: “Não sabíamos. Eu por causa da espessa crosta de ignorância com que saí do ventre de Coimbra, minha Mãe espiritual” (p. 115). Contudo, para Sousa (1996, p. 61), o fato de o narrador descrever-se como ingênuo e simples seria apenas um recurso para persuadir o leitor: “ele consegue seduzir o leitor pela sua maneira aparentemente simples e despreziosa de olhar as coisas e de se ver a si próprio”.

No final da obra, quando retorna a Paris, para depois regressar novamente às Serras, Zé Fernandes traz em suas reflexões e ações a crítica de Eça quanto ao desenvolvimento acelerado e desorganizado das grandes cidades, bem como as pessoas que mantêm e valorizam tal avanço: “Em toda a sua nobre e formosa largueza, toda verde, [...] corriam, subindo, descendo, velocípedes. Parei a contemplar aquela fealdade nova, estes inumeráveis

espinhaços arqueados, e gâmbias magras, agitando-se desesperadamente sobre duas rodas” (p. 185).

Ao assistir uma palestra, vendo a falta de respeito e de educação dos alunos em uma sala, Zé Fernandes, primeiramente, reclama com os rapazes e, depois, com o seu “punho serrano”, provoca brigas, percebendo uma cidade sem valores, sem interesses sociais reais, repleta de hipocrisia, egoísmo e passividade. Decide voltar às Serras, inadaptado, contrariado com em que se transformara Paris em cinco anos:

Desde esse momento decidi abandonar a fastidiosa Cidade [...]. Pois adeusinho, até nunca mais! Na lama do teu vício e na poeira da tua vaidade, outra vez, não me pilhas! O que tens de bom, que é o teu gênio, elegante e claro, lá o receberei na Serra pelo correio. Adeusinho! (p. 189)

Vale ressaltar que Sousa (1996, p. 94) não se deixa convencer pelo discurso de Zé Fernandes; ele concebe suas palavras como contraditórias e dúbias, uma vez que, mesmo criticando a velocidade, os novos objetos, ele compra brinquedos para os filhos de Jacinto “consideráveis, tremendamente complicados pela Civilização — vapores de aço e cobre, providos de caldeiras para viajar em tanques” (p. 189). De fato, Sousa define o narrador como inconcluso, contraditório e complexo.

Por meio do discurso do narrador, percebe-se uma crítica de Eça à civilização, à desorganização da cidade, ao exagero do avanço tecnológico, bem como à decadente nobreza, fútil e hipócrita, ainda buscando manter sua realeza aparente no final do século XIX na Europa. Saraiva e Lopes (1996) também confirmam esta crítica queirosiana ao consumismo exacerbado e à despreocupação ecológica, lembrando que *A cidade e as serras* tem como ponto de partida o conto *Civilização*, de 1892. Salientam os estudiosos que este conto “ridiculariza aquilo que hoje designaríamos como obsessão sumptuária do consumo [...]. A necessidade de uma ida ao abandonado e escalavrado solar nortenho [...] conduz [...] depois a um processo de integração rural” (SARAIVA e LOPES, 1996, p. 884).

Portanto, eles afirmam que o romance analisado retoma a temática do conto apontado, e “a lição básica é da reintegração mais imediata possível dos seres humanos no Todo de que as mediações técnicas e culturais os

exilaram, e tal filosofia retoma certo panteísmo”. Sugerem, assim, a crítica de Eça explicitada anteriormente, e ainda ressalvam a comicidade e o bucolismo das Serras, insistindo na assertiva de ser *A cidade e as serras* “a mais clara expressão do permanente cepticismo tecnológico, científico, filosófico e teológico de Eça” (SARAIVA e LOPES, 1996, p. 885).

Nota-se, todavia, que mesmo estes estudiosos deixaram de pontuar também, como aqui se demonstrou por meio dos trechos da obra levantados e analisados, a crítica ao atraso das estruturas campesinas, à insistente manutenção das tradições, por vezes ultrapassadas e inúteis, além da crítica à falta de compromisso e de imparcialidade do indivíduo.

Considerações finais

Neste trabalho, procurou-se observar a construção da personagem no romance *A cidade e as serras*, de Eça de Queirós, a fim de perceber a postura do autor imbricada no fazer artístico, isto é, nas escolhas que apresenta em seu texto literário, bem como tentou-se mostrar a obra próxima ao seu contexto cultural de produção.

Em primeiro lugar, destacou-se, dentre as personagens, a personagem-narrador, uma vez que esta demonstrou ser elaborada de maneira diferenciada: apesar de não se configurar como protagonista, Zé Fernandes ocupa um lugar de destaque na narrativa, pois é a partir de suas impressões e relatos dos fatos que se tem conhecimento do que acontece com o personagem protagonista Jacinto.

Com Zé Fernandes, Eça pôde criar, em sua obra como um todo, uma ambientação de ironia e de ambigüidade, de certa forma difícil de ser percebida, que contribui para fortalecer a temática de reflexão crítica quanto ao meio social no qual o autor se encontrava. Na linguagem do narrador, conclui Sousa (1996, p. 87), há uma abertura para “outras perspectivas possíveis do real, eliminando uma postura dogmática e monolítica, traíndo a consciência por uma impossibilidade de atingir certezas”.

Pensa-se que Eça de Queirós, em *A cidade e as serras*, não almejou simplesmente fazer um contraste entre a cidade e o campo, entre Paris e

Portugal, valorizando este último, firmando suas origens e sua natureza harmônica e simples. Nem tampouco não se acredita que Eça deixou de apresentar perspectivas críticas em seu romance. Pelo contrário, verificou-se, a partir da análise interpretativa das personagens, como o autor conseguiu, por meio do recurso lingüístico da ironia e da ambigüidade, expor de forma velada e implícita toda uma gama de críticas ao modo como a Europa evoluía, exageradamente, sem controle e com margens à futilidade, ao mesmo tempo que critica Portugal, que se manteve, assim como Jacinto, isolado, fechado em suas particularidades, em sua tradição, acreditando também ter se desenvolvido, sem no entanto apresentar uma visão totalizante do que ocorria no mundo.

Acredita-se que Jacinto, assim como designa Lepecki (1977), não mudou, mesmo locomovendo-se e alterando o seu espaço novo, — no caso, Tormes. Todavia, ele apresenta um aspecto conclusivo, uma certa síntese, ou, nos termos de Sousa (1996, p. 71), “Jacinto encontrou uma solução para a sua crise existencial, adoptando uma vida sedentária de *pater familiae* e aristocrata rural nas serras portuguesas”. Zé Fernandes, ao contrário, divide-se em dois mundos, “mundos que ele não consegue reconciliar numa síntese à maneira de Jacinto” (SOUSA, 1996, p. 95). Ele tem sentimentos contraditórios, dúbios, acabando por se caracterizar de forma deslocada, ambígua, inconclusa, e sempre a tentar adaptar-se ao meio em que se encontra.

De certa maneira, ainda se ressalta que Eça acaba por revelar uma certa decepção com as estruturas sociais, mas todavia mantendo um rigor laboroso nas suas escrituras, no seu modo de conceber, escolher e lapidar o seu trabalho artístico no texto literário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COELHO, Jacinto do Prado. *A letra e o leitor*. Lisboa: Portugália, 1981.

LEPECKI, Maria. *Eça na ambigüidade*. Lisboa: Jornal do Fundão, 1977.

MATOS, A. C. (coord). *Dicionário de Eça de Queirós*. 2.ed. Lisboa: Caminho, 1993.

QUEIRÓS, Eça de. *As cidades e as serras*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1998.

REIS, Carlos. O Realismo e o Naturalismo: ideologia, temática, estratégias. In: REIS, Carlos (dir.). *História da literatura portuguesa — O Realismo e o Naturalismo*. Lisboa: Alfa, 2001. v.5, p. 15-25.

SARAIVA, A. J.; LOPES, O. Eça de Queirós e a ficção realista. In: _____; _____. *História da literatura portuguesa*. 17.ed. Porto: Porto, 1996, p. 855-907.

SOUSA, Frank F. *O segredo de Eça: ideologia e ambigüidade em A cidade e as serras*. Lisboa: Cosmos, 1996.